



ENSAIO DE UM FRENESÍ BESTIAL

THAÍS ARTIGAS DOS SANTOS ^{1*}



Gisela não saía de casa sem rezar três ave marias. É que a rua em que morava tinha ficado muito perigosa. Os meninos do crack não saíam das escadarias e já nem adiantava mais cuspir em suas cabeças. Antes gritava da varanda, mas seus ossos foram afinando e a voz já quase não saía ao abrir a boca.

Aprendeu cedo as coisas de velha – secava bem as frestas entre os dedos dos pés, fervia o leite duas vezes e esvaziava toda a bexiga ao ir ao banheiro. Seu apartamento cheirava a molho de peixe e não sabia se vinha da cozinha ou das suas calcinhas, que sempre demolhava em vinagre e talco. Ao tomar banho, seus cabelos escuros entupiam o ralo e o cano regurgitava suas águas.

Foi em uma noite quente de outono que Gisela começou a ouvir um canto que vinha da varanda – tinha nele alguma doçura, mas doía aos ouvidos. Não queria abrir a porta. O cheiro de mijo que subia da rua a enojava, mas não resistiu.

Onde antes tinha um vaso com flores havia um ninho de passarinhos. Dentro do ninho uma pássara comia seus filhotes enquanto cantava. Seu bico estava coberto de sangue e os pequenos depenados lutavam para permanecer vivos perante àquela besta. Gisela não conseguia parar de olhar. Pensou em arremessar o ninho para baixo com uma vassoura, se livraria dos bichos e ainda tinha a chance de acertar alguém lá embaixo. Mas seus braços pesavam mais do que o corpo todo e não alcançou nada com as mãos. Os olhos da velha ficaram fundos com o que via. Naquele momento, decidiu que gostaria de ter filhos.



^{1*} Thaís Artigas dos Santos é mestranda em Literatura no PPGLit/ UFSC e licencianda em Letras Português na mesma instituição.